

# **NOS@EUROPE**

## ***O Desafio da Recuperação Económica e Financeira***

### **Prova de Texto**

#### **Turistas da Seara**

Escola Secundária de Montemor-o-Novo

António Santos

Filomena Caetano

Vera Caixeiro

Luís Azinhaga

Dezembro de 2011

## 1 Como os alentejanos vêm a crise

Neste momento, Portugal, como tantos outros países europeus, está a atravessar uma grande crise económica, também conhecida como recessão.

Por detrás desta crise económica existem fatores relevantes, englobando questões culturais, sociais e económicas, e tudo isto tem a ver com as pessoas e as suas atitudes. Alguns comportamentos que causaram esta situação foram a atitude consumista da maioria das pessoas, o endividamento das famílias, e a falta de ética nos negócios. Como consequências desta crise podemos encontrar efeitos diretos e efeitos indiretos. Nos primeiros, podemos destacar a falta de dinheiro e consequentemente a escassez de crédito das pessoas, uma grande quebra no investimento das empresas e no consumo das famílias, uma taxa de desemprego muito alta, um excessivo aumento de impostos, a redução da despesa pública e a enorme perda de poder de compra das populações. Quanto aos efeitos indiretos associados a esta crise, salientamos o agravamento dos problemas de saúde, por exemplo: a falta de dinheiro por parte das famílias leva cada vez mais pessoas a não tratarem de si. O aumento das depressões, por exemplo, é uma consequência clara da crise. Como outro efeito secundário, surge o risco de desinteresse pela educação, como vemos na nossa vida escolar diária. Tudo isto pode resultar no aumento da instabilidade social, traduzido, como temos visto desde há algum tempo, em manifestações e protestos com atitudes de violência que não eram habituais até agora.

Com tantas questões negativas, existirá um lado positivo na crise? De facto, é uma questão para a qual ninguém parece ter uma resposta concreta, pois só se consegue ver o lado negativo da recessão. Porém, o lado positivo da crise é já visível em novos hábitos, por exemplo, nos transportes: se utilizamos menos o automóvel, a poluição diminui. Outros hábitos positivos são o maior recurso à poupança, o cultivo e uso da terra de forma inteligente e mais sustentável, ou seja, a valorização da agricultura, tanto para consumo próprio como consumo dos outros.

Esta realidade é já muito visível na nossa região, como constatámos nos testemunhos que recolhemos, para ilustrar com opiniões concretas as causas e as



NOS @  
EUROPE

Desafio da Recuperação  
Económica e Financeira



COMISSÃO EUROPEIA  
Representação em Portugal



CIEJD\*  
DGAE/MNE



universidade  
de aveiro

consequências desta crise no Alentejo. Ouvimos a opinião do Artur, 17 anos, um colega nosso que afirma:

*”A crise atual está ligada a três fatores.*

*Primeiramente penso que a crise está claramente associada à nossa adesão ao euro. No tempo em que ainda tínhamos o escudo, quando a crise batia à porta, a solução era relativamente simples: desvalorizávamos a moeda para tornar as nossas exportações mais competitivas, baixávamos as taxas de juros para estimular a procura agregada (através do investimento e do consumo) e o governo aumentava as despesas (ou cortava os impostos).*

*Seguidamente surge o renascimento da Índia e da China, que têm originado enormes problemas de competitividade em muitas das nossas empresas. Já sabíamos que o nosso modelo económico tradicional estava esgotado e que, mais cedo ou mais tarde, os nossos principais setores exportadores não seriam competitivos face aos seus concorrentes asiáticos e da Europa de Leste.*

*Por fim, o choque petrolífero e as repercussões da crise financeira americana.*

*Todos estes fatores contribuíram para a atual crise, da qual estamos a tentar sair, pois já se sentem os problemas de liquidez por parte dos portugueses.”*

Quisemos ouvir também a opinião de um professor, com cerca de 50 anos, que nos disse:

*“Alentejo não tem crise! Não ando preocupado com a crise, tal como toda a gente. E eu explico porquê. Quando há crise nas zonas ditas mais ricas do país – no Norte, sempre muito mais industrializado, no litoral, com muitos mais postos de trabalho do que no interior esquecido – a coisa não se nota por aqui, porque nós, os alentejanos, estamos em crise desde sempre. Ou seja: já estamos habituados.*

*Fomos os primeiros em entrar em crise porque, tal como afirmou José Saramago (e fui eu que ouvi... ninguém me contou), antes de haver portugueses já havia Alentejanos. Fiquei a pensar: “Tem razão, o homem. Se já havia rio Tejo, já havia território além Tejo. Logo, já havia Alentejanos, mesmo antes do Rei Afonso Henriques ter assinado o tal tratado que nos transformou em país.” POR ISSO, a crise no Alentejo começou muito antes desse gesto duvidoso. Ela existe desde sempre.*

*Se antes da Revolução de Abril, os campos estavam cultivados mas à custa do muito suor e do mau pagamento aos trabalhadores rurais, explorados até ao tutano, e que se fartaram de penar para pôr o pão na mesa, depois da dita Revolução, deixou de haver campos cultivados porque lá de Bruxelas pagaram ao pessoal para estar sossegado. Portanto, sem turismo que se veja, sem serviços que se notem, sem indústrias visíveis, sem comércio a abundar, com o que é que a gente se tem entretido no meio disto tudo? Fácil: temos uns grupos corais e uns ranchos folclóricos que vão animando o pessoal até a crise passar. Vamos cantando, dançando, contando umas anedotas e aguentamos. Mas ela só passa quando a senhora dona Angela Merkl quiser. Ela diz: “Cantem!”. E a gente canta. A senhora Merkel diz: “Chorem!”. E a gente chora. A senhora Merkel grita: “Paguem!” E a gente paga.*

*Cá no Alentejo temos tido sempre manajeiros e capatazes que nos mandam fazer aquilo que lhes apetece. Desta forma, essa tal Chanceler alemã é apenas mais um capataz que manda umas bocas e tal e... pronto. Por isso, esta coisa da crise, a nós, alentejanos puros e duros, já não nos afecta porque estamos mais habituados a ela do que os restantes portugueses.*

*Aqui fica o convite, feito com a melhor das boas vontades: se algum português do Norte ou do litoral precisar de uns conselhos para aguentar estes próximos anos, que venha até cá. Comemos uma açorda, assamos uma farinheira no lume de chão, bebemos um tinto, cantamos o “Grândola, Vila Morena” e conversamos sobre o assunto.”*

Por fim, não pudemos deixar de ouvir o presidente de uma Junta de Freguesia, com cerca de 70 anos, que deixou este testemunho:

*“Uma das diferenças mais visíveis no Alentejo nestes últimos anos, é praticamente a inexistência da agricultura, a produção dos nossos próprios produtos é uma medida para garantir a nossa marca, a marca de Portugal. A inexistência de fábricas ou a falência destas, é também um factor que leva ao grande aumento do desemprego. Na questão da saúde, em muitas freguesias onde existem centros de saúde, mas já é muito raro encontrar-se um médico nesses centros de saúde. Por exemplo, nos Foros de Vale de Figueira, o centro de saúde só têm médica dois dias por semana, Segunda e Sexta, o que leva a população a passar 5 dias sem médica em todas as semanas.”*

Estas opiniões deixam-nos a pensar ainda mais sobre este assunto, pois, ao que parece, a crise instalou-se, e é para durar, conforme nos é dito pelos nossos testemunhos.

O que será de nós, que Fado nos acudirá?

## 2 Referências

Recursos e web-sites fornecidos pela Organização do Concurso publica.

## 3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa **Turistas da Seara** declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.